



ORDO PRÆDICATORUM CURIA GENERALITIA

4º Domingo do Advento
Roma, 20 de dezembro de 2020

Prot. 50/20/614 Cartas para a Ordem Dominicana

“Isso que vimos e ouvimos, nós agora anunciamos (...)
a fim de que a nossa alegria seja completa”
1 Jo. 1,3-4

Queridos irmãos e queridas irmãs,

O Natal, tanto em tempos de pandemia quanto de prosperidade, é uma celebração da proximidade inexplicável de Deus que habita *em nós e entre nós*; é uma ação de graças ao nosso Deus generoso que se doa a si mesmo como *presente*. Este ano foi realmente inesperado, sem precedentes, inesquecível.

A maioria de nós celebrou o Tríduo Pascal confinada, com as portas fechadas; nossos corações estavam cheios de ansiedade diante de um futuro incerto. Mas voltamos nossos pensamentos e os olhos da nossa fé ao Ressuscitado, que atravessa portas fechadas, nos saúda com a sua paz e nos encoraja a não ter medo. Agora celebramos o Natal, ainda lutando contra este vírus, protegendo-nos e protegendo às pessoas queridas, mantendo uma *distância caridosa* entre nós. Nosso canto do *Venite adoremus* é abafado por máscaras e protetores faciais. São Paulo nos exorta a contemplar com "rostos descobertos" (2 Cor. 3,18) a glória de Deus. No entanto, este ano adoramos a beleza do Rei recém-nascido com os rostos cobertos. Embora as nossas celebrações sejam poucas e simples, temos nossa esperança e nosso consolo na comemoração do nascimento do *Emanuel*, o Deus que está "mais próximo de nós do que nós mesmos" (S. Agostinho, Confissões III, 6, 11).

As lembranças mais agradáveis do Natal são da nossa infância, quando as árvores de Natal nos ultrapassavam com a sua imensidão, quando alguns doces davam a impressão de ser uma quantidade abundante de doces em nossas mãozinhas. Quando crescemos, percebemos que o Natal não se tratava de deliciosos banquetes, mas em partilhar a comida que alimenta a fome e satisfaz o desejo de fraternidade e amizade; sentimos que o Natal não é troca de presentes materiais, mas sim o dom da presença, do tempo, das conversas, de simplesmente estarmos juntos, como irmãos, com a família e os amigos.

No entanto, a pergunta ainda permanece: *como pode haver alegria de Natal em uma época de pandemia?* Em muitos lares e comunidades, incluindo alguns de nossos Conventos, existem hoje cadeiras e espaços vazios que nos lembram de pessoas queridas que perdemos este ano. Pode não haver festas de Natal, porque o dinheiro esteja escasso ou devido ao desemprego e à recessão econômica. Por causa das restrições de viagens e movimentos, os idosos sentirão muita falta das visitas e abraços de pessoas queridas.

As máscaras protetoras esconderão os sorrisos esplêndidos das pessoas que cantam canções natalinas, como "lâmpadas debaixo de uma vasilha" (Mt. 5, 15) que não serão capazes de iluminar totalmente estas noites escuras de dezembro. *Como pode haver alegria de Natal em uma época de pandemia?*

Nossa alegria será completa, como nos assegura o discípulo amado, se pregarmos “isso que vimos e ouvimos e que agora anunciamos (...) a fim de que a nossa alegria seja completa”. Isso é muito bem representado pela bela pintura da Irmã Úrsula Magdalena Caccia, da Santa Mãe de Deus que permite a São Domingos ver e tocar o menino Jesus, como uma mãe orgulhosa que deixa uma pessoa querida segurar seu precioso recém-nascido. Esta é a bem-aventurança de Domingos, a alegria de pregar a *quem ouviu, viu e tocou*: o Verbo Encarnado.

Neste Natal, ao entrarmos na celebração do 8º centenário da Páscoa de São Domingos, perguntamos: como *ouvimos, vimos e tocamos* a Palavra, este ano? Em muitos lugares, o som incessante das sirenes tornou-se um eco permanente da pandemia. Mas também significava que os profissionais da saúde continuavam socorrendo os doentes.

Aprendi, de um frade que mora aqui em Santa Sabina, que a bela palavra alemã enfermeira: *krankenschwester*, significa literalmente "irmã dos doentes". Uma pessoa doente não é apenas um paciente, mas um membro da família, um dos *nossos*. Em tempos de desastre, sempre *vemos* gente ajudando e cuidando das pessoas. Quando as coisas desmoronam, devemos sempre procurar "salvadores", pessoas que nos fazem sentir que tudo vai ficar bem, mesmo na adversidade. Eles nos dão esperança. Com certeza é bom ver um deles quando olhamos no espelho!

Nos últimos tempos, mesmo antes da pandemia, a proximidade e o toque eram vistos com suspeita. Poderiam ser sinais de abuso. Com a ameaça do Covid-19, eles se tornaram ameaças de contágio e risco. A malícia contaminou o toque e tornou a proximidade arriscada e imprudente; a caridade tátil tornou-se um tabu e muito ofensiva. Paradoxalmente, manter uma distância segura, como proteção e prevenção da transmissão viral, tornou-se um sinal sincero de nossa "proximidade" e uma preocupação especial com a saúde e a segurança das outras pessoas.

Alegra-me que, nestes tempos difíceis, tenhamos *ouvido e visto* muitas pregações e obras de caridade de nossos irmãos e irmãs, *tocando* o coração de tantos.

A alegria do Natal é um *presente* que nos espera quando pregamos Aquele que ouvimos, vimos e tocamos. Não é de estranhar que, desde os primeiros dias de nossa Ordem Dominicana, tenhamos rezado:

Que Deus Pai nos abençoe,
Que Deus Filho nos cure,
Que Deus Espírito Santo nos ilumine
e nos dê olhos para *ver*,
ouvidos para *escutar*,
mãos para *fazer* a obra de Deus,
pés para caminhar
e uma boca para *pregar* a palavra da salvação...

Certa vez, ouvi a história de um professor que perguntou a seus alunos: como vocês podem saber que a noite acabou e o dia começou? Um aluno respondeu: é quando, à distância, posso ver uma árvore e dizer se ela é uma macieira ou uma laranjeira. O professor disse que não. Outro aluno levantou a mão: é quando, à distância, posso ver um animal e dizer se é uma vaca ou um cavalo. O professor disse que também não. Os alunos então pediram a resposta ao professor que, por sua vez, respondeu: *é quando você consegue ver uma pessoa, à distância, e consegue perceber o rosto de um irmão ou irmã. Quando isso acontece, a escuridão da noite realmente acabou e o brilho do dia começou.*

Para nós, cristãos, as trevas acabam quando vemos em nossos irmãos e irmãs, em todas as pessoas, especialmente nos pobres, a presença de Jesus. Esta é a verdadeira celebração do Natal: proclamar a nossa fé no Emanuel, o Deus que está conosco, o Deus que está em cada um de nós. Neste Natal, a pergunta que devemos fazer a nós mesmos não é apenas "quem é Jesus para nós?"; mas "onde *está Jesus em nossos semelhantes?*" Ele é o *Emmanuel!*

Que a luz de Cristo brilhe *através* de nós, para dissipar as trevas que *nos rodeiam* e que *estão dentro de nós*.

Santo Natal a você e a todas as demais pessoas!

Seu irmão,


Gerard Francisco Timoner III, OP
Mestre da Ordem